

A INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA NA EDUCAÇÃO ESTATÍSTICA COMO CONSEQUÊNCIA DA AUTORREFLEXÃO DA PESQUISADORA

Solange Aparecida Corrêa¹

GD 12 - Ensino de Probabilidade e Estatística

Resumo: Esta é uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-formação com o objetivo de identificar ações de insubordinação criativa da pesquisadora no Ensino de Estatística a partir de narrativas autobiográficas sobre a própria prática. O propósito do estudo sobre a insubordinação criativa nas atitudes do professor manifestou-se durante a coleta de dados de uma dissertação de mestrado, num desejo da pesquisadora de narrar, ouvir a própria narrativa e experimentar mudanças no seu olhar com o objetivo de aprimorar a sua prática no Ensino de Estatística a favor do bem-estar de seus alunos. As autorreflexões foram coletadas em momentos não planejados, em tempos diferentes contemplando diversas atividades trabalhadas com os alunos. São experiências particulares de uma docente com intensas vivências anteriores e com a intenção de aprender como seus alunos pensam, o que desejam e como respeitá-los. Procurou-se investigar a seguinte questão central: “Quais indícios de insubordinação criativa emergem das narrativas da pesquisadora no Ensino de Estatística?” Para que essa pesquisa se tornasse realidade e a pesquisadora pudesse se questionar e refletir sobre sua prática, a participação em um grupo de estudos colaborativo foi essencial. Este trabalho mostrou a reflexividade narrativa, pois a pesquisadora de antes não é mais a mesma após a análise das suas reflexões.

Palavras-chave: Narrativas. Insubordinação Criativa. Pesquisa-formação. Aprendizagens docentes.

1. INTRODUÇÃO

Sou professora do Ensino Fundamental há 33 anos, com formação em Pedagogia, Especialização em Educação Matemática e Psicopedagogia. Passei por uma educação autoritária e sempre me questioneei a respeito da educação como transmissão de informação.

Meu primeiro contato com o conceito de Insubordinação Criativa foi quando tive a oportunidade de participar do artigo “A insubordinação criativa em educação matemática promove a ética e a solidariedade” (LOPES; D’AMBROSIO; CORRÊA, 2016). Tomada por grande interesse por essa temática, percebi que se pode trabalhar com respeito ao que o aluno pensa. Desde então, comecei a fazer leituras, a resolver dúvidas e, desse modo, houve de minha parte uma identificação com o conceito de Insubordinação Criativa, tanto na profissão como na vida pessoal.

¹ Universidade Cruzeiro do Sul - UNICSUL; Programas de Pós-graduação stricto sensu; Mestrado Acadêmico em Ensino de Ciências; solangeapc600@gmail.com; orientadora: Prof^a Dr^a Celi Espasandin Lopes.

Com este novo conceito em meu pensamento e o prazer pela estatística e pela matemática, a curiosidade e a motivação para me aperfeiçoar foram se ampliando, ao mesmo tempo em que comecei a questionar a minha prática diretamente com as crianças.

A partir desse contexto, evidenciaremos o conceito de insubordinação criativa, a sua relação com o ensino de estatística e em seguida faremos a análise das narrativas da pesquisadora.

2. INSUBORDINAÇÃO CRIATIVA

De acordo com D'Ambrosio e Lopes (2014), as primeiras discussões de insubordinação criativa ocorreram em 1981, quando Morris *et al.* (1981) realizaram um estudo etnográfico nas escolas de Chicago, envolvendo 16 diretores de escolas, e elucidaram atos de insubordinação criativa, definidos como situações em que os diretores tomaram decisões contrárias às recomendações dos distritos escolares, com a finalidade de diminuir as consequências desumanizantes de certas regras, e preservaram as decisões profissionais dos professores, baseadas no melhor interesse de seus alunos. O descumprimento de algumas regras ocorreu para salvaguardar os princípios éticos e morais, ou para garantir práticas pedagógicas baseadas em princípios de justiça social. Não pode ocorrer uma insubordinação qualquer, pois ela deve estar atrelada à criatividade, com ações pensadas em benefício do outro (LOPES, 2017b).

Para D'Ambrosio e Lopes (2014, p. 19),

insubordinação criativa seria uma ação de oposição, geralmente de desafio à autoridade estabelecida quando se opõe ao bem-estar do outro, mesmo que não intencional, por meio de determinações incoerentes, excludentes e/ou discriminatórias. Insubordinação criativa é ter consciência sobre quando, como e por que agir contra procedimentos ou diretrizes estabelecidas. Ser subversivamente responsável requer assumir-se como ser inconcluso que toma a curiosidade como alicerce da produção de conhecimento e faz de seu inacabamento um permanente movimento de busca.

Propor discussões desafiadoras nos mostra indícios de insubordinação criativa, pois os educandos refletem sobre o que foi dito, levantam dúvidas, argumentam e propõem soluções para o problema em questão. Por que pensar a insubordinação criativa na educação? Em sua palestra de 2018, Lopes nos disse:

Porque na insubordinação criativa você busca sempre atender o outro da melhor forma possível. Ela se pauta no bem-estar do outro. Por isso ela difere tanto da palavra insubordinação. Não é simplesmente você se insubordinar a alguma coisa, tem que ter um processo criativo, porque dizer não a uma regra, dizer não a uma determinada situação imposta, é em função de atender melhor o outro a quem você serve. Se é na educação, na sala de aula, é o nosso aluno. O alicerce da insubordinação criativa está pautado nas questões da equidade, solidariedade, respeito à diversidade que são valores de uma sociedade humanista. A pessoa tem que ter muita clareza sobre quando, como e por que agir daquela maneira. Não pode ser uma coisa momentânea ou espontânea, tem que ser pensada, planejada, uma ação refletida, porque você está buscando superar um desafio que é a melhoria do outro, que em nosso caso o professor, é promover a aprendizagem do outro. Muitas vezes temos que romper com o currículo, material didático. (LOPES, 2018)

Está nas “mãos” do professor provocar seus alunos, desafiá-los e propor problemas a partir de situações reais para que obtenham valiosas experiências de aprendizagem. Cada professor tem a sua singularidade refletida em sua prática, sua maneira de ser, tem valores em que acredita e, dessa forma, quando pretende melhorar a aprendizagem de seus alunos, cria situações que estão em conformidade com a sua identidade profissional.

Destacamos também a relevância da atitude do professor, ao colocar o aluno no centro do processo educativo e criar provocações argumentativas que favoreçam a insubordinação criativa. Propiciar momentos em que os alunos possam se colocar perante seus colegas e seus professores, ocupar o centro do processo educacional e apresentar propostas para soluções em uma situação-problema, também nos mostra indícios de insubordinação criativa, pois o professor assume uma nova conduta em favor de seus alunos.

3. ESTATÍSTICA: O NÚMERO EM UM CONTEXTO

A estatística é uma ciência que considera o número como parte de um contexto para entender, descrever, questionar situações problema dentro de um contexto real. Os dados coletados fazem parte de uma investigação em que a sua análise e interpretação trabalham com possíveis respostas, sem o determinismo de uma única solução, pois são informações que apresentam variabilidade.

As crianças precisam vivenciar atividades problematizadoras envolvendo diversos eventos em relação a possibilidades, a ideias, ao acaso, ao processo de coleta, tabulação e representação de dados, para que suas observações possam levá-las ao começo do desenvolvimento do raciocínio probabilístico.

Na investigação estatística a resolução de problemas passa a considerar a variabilidade como contrapartida ao determinismo da Educação matemática, para promover o desenvolvimento, a criticidade e o pensamento reflexivo. Sob o mesmo ponto de vista, defendemos a ideia de que problematizar com as crianças pequenas favorece o desenvolvimento e o envolvimento com a matemática presente na cultura infantil.

Para Lopes (2011), a resolução de problemas nas situações de incerteza tem uma grande repercussão em contextos do mundo real, em consequência da complexidade e das rápidas mudanças da atualidade.

Diante disso, o professor, além de dominar os conceitos e as técnicas estatísticas, precisa envolver-se com a problemática emergente, assumir o compromisso de ouvir cada um de seus alunos e considerar as diversas soluções encontradas para o problema em questão.

A educação estatística fundamentada na resolução de problemas é uma atitude de insubordinação criativa, uma vez que, como afirma D'Ambrosio (2015, p.7):

...o professor assume o risco para o bem de seus alunos, introduzindo momentos em que:

- rompe com o currículo prescrito;
- coloca o aluno no coração do processo educacional;
- considera o desenvolvimento das crianças, ao planejar as suas ações;
- desafia os alunos a identificarem problemas e criar propostas para a solução;
- transcende o ambiente da escola – extrapola o alcance da sala de aula;
- cria uma oportunidade para as crianças vivenciarem o problema para melhor fazer uma leitura de mundo;
- cria oportunidade para as crianças viverem a sua proposta de solução – experimentarem suas ações;
- apoia as crianças, ao atribuírem significado e realizarem uma leitura de mundo construída colaborativamente.

Os momentos do professor aos quais se reporta a autora são pautados na metodologia de problemas. A problematização feita por ele deve ter a determinação de que irá considerar a curiosidade e os interesses de seus alunos a partir de problemas reais; favorecer a diversidade de soluções encontradas, considerando a incerteza e valorizando as ideias coletivas; e também se colocar como aprendiz.

4. METODOLOGIA: AS NARRATIVAS EM UM CONTEXTO

Como metodologia, utilizamos as narrativas orais da pesquisadora como fonte e método de pesquisa qualitativa em Educação. Pensando na perspectiva da pesquisa autobiográfica, consideramos as narrativas, então, como pesquisa-formação: tanto as crianças pesquisam e, ao pesquisar, se formam, como também a pesquisadora, ao pesquisar, se forma, sistematizando seus saberes profissionais. Nesse processo, a pesquisa-formação é uma pesquisa insubordinada criativamente.

Como surgiu a ideia de produzir narrativas da pesquisadora sobre a sua prática?

Durante a coleta de dados da dissertação de mestrado intitulada “A insubordinação criativa e o processo dialógico na educação estatística na infância” em que sou autora, sob a orientação da Prof^a Dr^a Celi Espasandin Lopes, foram surgindo muitas dúvidas, angústias e uma necessidade de conhecer e compreender melhor como era a minha prática. Com base em aulas vídeogravadas, em que eu era a professora, fui conhecendo realmente como eu reagia às colocações das crianças, como eu as considerava e se realmente eram ouvidas por mim.

Para conseguir me colocar em uma análise própria, foi determinante viver a experiência de participar de um grupo colaborativo. Com essa vivência, começamos a ter coragem de nos expor, de falar de nossas dificuldades, de nossas assertividades ou dúvidas, e com o tempo isso vai compondo uma forma prazerosa e enriquecedora de trabalho.

Até 2014 foi um período que em que me afastei um pouco dos estudos por problemas de saúde e situações específicas pessoais. Nesse ano comecei a participar do GIFEM² e pra mim foi muito importante. O estudo presente nesse grupo é fundamental para a formação de assuntos específicos de probabilidade e estatística desde as séries iniciais até o Ensino Médio. Outro aspecto muito importante do GIFEM é o quanto nos ajuda a considerar o aluno como centro do processo educativo, como ele pensa, como ele faz para resolver situações-problema e isso nos ajuda a tomar decisões nas estratégias, nas situações didáticas que elaboramos no planejamento das aulas. O grupo tem 6 anos e faz 4 que participo e cada vez mais a interação do grupo é maior e as trocas, a solidariedade, a maneira como um cuida do outro é “entusiasmador”. (SOLANGE, narrativa, 13 ago. 2018)

Durante a coleta de dados, surgiram muitas dúvidas, e era lá no grupo em que aconteciam as discussões de que necessitava.

Uma aluna levantou a seguinte questão “Por que os adultos não brincam?”. E eu fiquei imaginando como seria essa resposta e conversei com eles “Como assim, os

² Grupo de Investigação e Formação em Educação Matemática – GIFEM – idealizado e coordenado pela Prof.^a Dr.^a Celi Espasandin Lopes.

adultos não brincam?”. Sobre o que seria essa pergunta? Toda vez que eu me referia a essa pergunta as crianças falavam assim: “O meu pai não brinca comigo porque ele é muito ocupado... o meu pai não brinca comigo porque ele precisa fazer as coisas dele”. Esse tipo de comentário começou a me preocupar e comecei a investigar, a ouvir as crianças. Ao ouvi-las, fez-se necessário mudar a questão: Por que os adultos não brincam com seus filhos no dia a dia? Enquanto professora me preocupou porque pensei: sobre o que eles vão falar para os pais e no momento em que eles levantarem as hipóteses de respostas, sairão respostas muito sérias. Eu fiquei desestabilizada, desestruturada e fui para o grupo de estudos – GIFEM – e eles me ajudaram. (SOLANGE, narrativa, 04 abr. 2018).

Participar desse grupo colaborativo ajudou no sentido de me alertar a ouvir e respeitar o que as crianças estavam precisando naquele momento: falar para os pais que queriam mais atenção deles. E, assim, não importava o sentimento que seria gerado nos pais, mas era preciso deixar que as crianças mostrassem o que estavam sentindo.

Dessa forma, a disponibilidade e a seriedade do grupo são como uma força que estabiliza e estrutura. E é nessa formação contínua de desenvolvimento profissional que está presente também um processo pessoal de busca que cada vez se intensifica mais.

Todas essas dúvidas e incertezas não teriam sentido se não fossem para melhorar a prática de sala de aula e para aprimorar a qualidade da aprendizagem das nossas crianças. E como fazer isso sem considerar a palavra delas?

...o trabalho de gravar as aulas está me modificando enquanto professora. Impressionante como é importante quando nos vemos fazendo alguma coisa e no caso eu me vendo dando aula. Como eu “atropelo” as crianças, não deixo que elas terminem de falar, eu vou concluindo por elas...então eu tenho tentado me controlar depois que eu comecei ouvir as gravações. Muitas vezes eu perco coisas importantes que as crianças querem falar e na minha ansiedade a criança acaba não falando. Isso é muito sério, preciso me rever. Eu chego à conclusão de que todo professor deveria filmar suas aulas para se rever, para se ver. Eu tenho dificuldade em me ver, particularmente. (SOLANGE, narrativa, 04 abr. 2018).

Sou uma pessoa extremamente ansiosa e tenho tentado melhorar. Eu ouço os vídeos e continuo atropelando meus alunos. Hoje é 12 de abril e eu quero melhorar mais, quero ouvir essas crianças. Hoje eu vou trabalhar com eles a tabulação das respostas. Estou indo para a sala de aula e vou ver o que vai acontecer no momento de tabular os dados com a classe toda. Não sei ao certo como vai ser, eu só sei aonde quero chegar. (SOLANGE, narrativa, 12 abr. 2018).

Essa experiência só me faz reafirmar o que reitera Passeggi (2016, p. 76):

Essa potencialidade formadora de fazer experiências, refletir sobre elas para aprender sobre nós mesmos e o mundo, torna inseparável o sujeito e o objeto de conhecimento. Ou seja, é preciso se expor, sem medo de padecer sob o impacto da experiência para poder dela tirar lições para a vida e aprender com ela sobre nós mesmos.

Dar voz às crianças nos possibilita ir além, ousar e confiar nos seus interesses, em suas problematizações. Ousar na direção de mudar o planejamento das aulas, ou até mesmo

de romper com um currículo previsto, se necessário, em benefício de melhorar a aprendizagem das crianças. Porém, ousar não é tão simples assim, pensamos que é um processo.

Quando a gente acha que ousou bastante, numa próxima atividade você vê que poderia ter ousado um pouco mais. Aí passa um tempo e você vê que aquilo pode estar ultrapassado. Não sei como posso chamar isso, talvez uma ousadia criativa, onde penso que seria uma ousadia em espiral, onde não se consegue ousar de uma vez em tudo e sempre. Ousar é um processo. (SOLANGE, narrativa, 28 set. 2018)

Dessa forma, consideramos que ousar seria estar em constante “estado de alerta”, em constante formação contínua, com o objetivo de propiciar novas aprendizagens – e de qualidade.

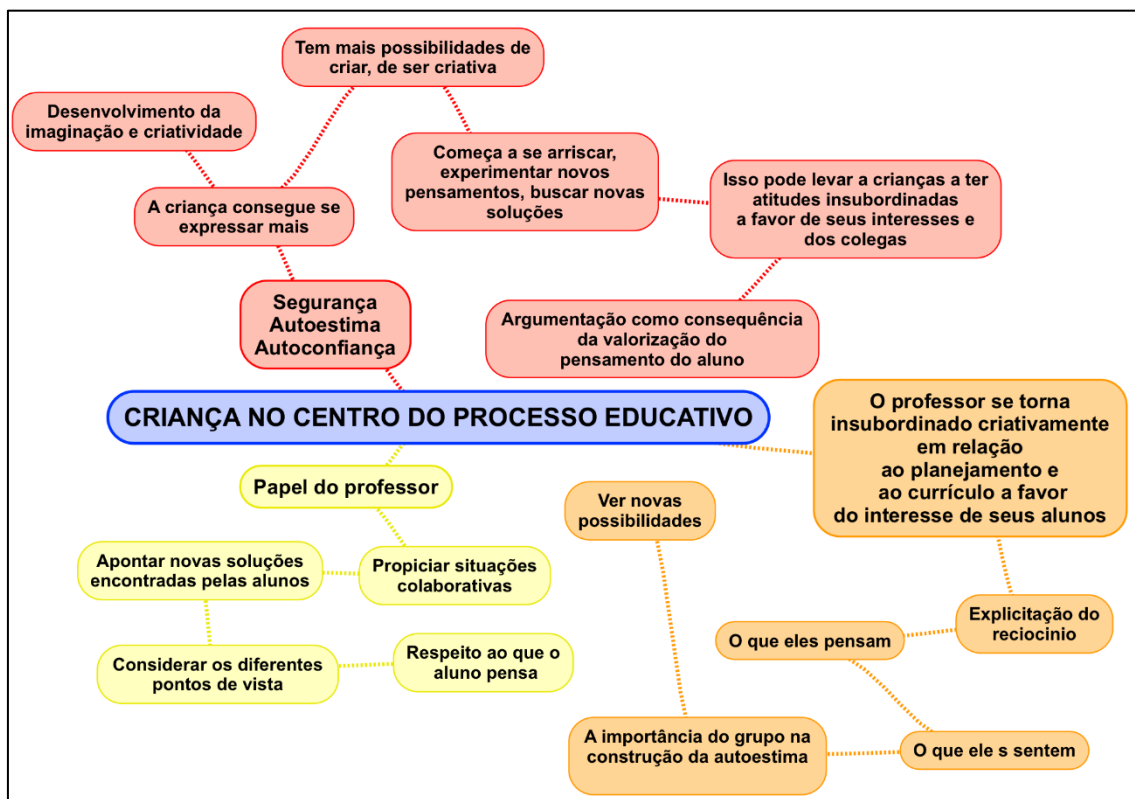
E as próprias crianças nos vão dando sinais de que, quanto mais você considera o que elas pensam, mais elas te respeitam, porque elas se sentem respeitadas. É o se colocar no lugar do outro. Mas se nós não tivermos esse momento reflexivo, vamos reproduzindo exatamente do jeito que um dia nos foi ensinado. Eu me lembro do começo da profissão, como eu não considerava os alunos e no fundo eu era tão autoritária quanto tinham sido comigo. (SOLANGE, narrativa, 28 set. 2018).

É nesse sentido que, o que antes não tinha significado, passa a ser o que nos toca, nos sensibiliza e nos dá sentido. Quando nos sentimos respeitados, também respeitamos, e assim cria-se uma relação de confiança mútua para agir ou reagir.

A partir de todo esse contexto, a seguir falaremos a respeito de duas narrativas da pesquisadora que deram origem a um *design* e a uma intenção pedagógica, relacionados à criança no centro do processo educativo e à insubordinação criativa.

Quando você coloca a criança no centro do processo, você dá a voz a ela, escuta o que tem para falar, respeita o que ela sente, ela se sentirá mais segura, vai melhorar a sua autoestima, autoconfiança. A partir daí ela consegue se expressar mais, e isso faz com que ela consiga ser criativa, buscar outros caminhos, buscar outras soluções para resolver situações problema, para produzir novas ideias. Ao mesmo tempo, quando a criança começa a ser criativa, ela começa a se arriscar, experimentar novos pensamentos, novas soluções que podem facilitar para que ela tenha atitudes insubordinadas a favor dos colegas, das propostas, da maneira como ela vai conseguindo buscar novos caminhos. Se o educador não der esse espaço para a criança, para o grupo, elas vão se sentir cada vez mais tolhidas, não escutadas, não ouvidas, e isso pode provocar um bloqueio na criatividade, na expressão e na sua autoestima. (SOLANGE, narrativa, 04 abr. 2018).

Figura1: Design pedagógico para a insubordinação criativa.



Fonte: Acervo da pesquisadora

Colocar a criança no centro do processo educativo provoca muitas inquietações, e talvez não tenhamos clareza da quantidade de ações envolvidas nesse encadeamento. Esse *design* (figura 1) é apenas uma sugestão de possibilidades que podem ser acolhidas ou não, mas, de certa forma, traduz um esquema para atitudes, condutas e intervenções do educador.

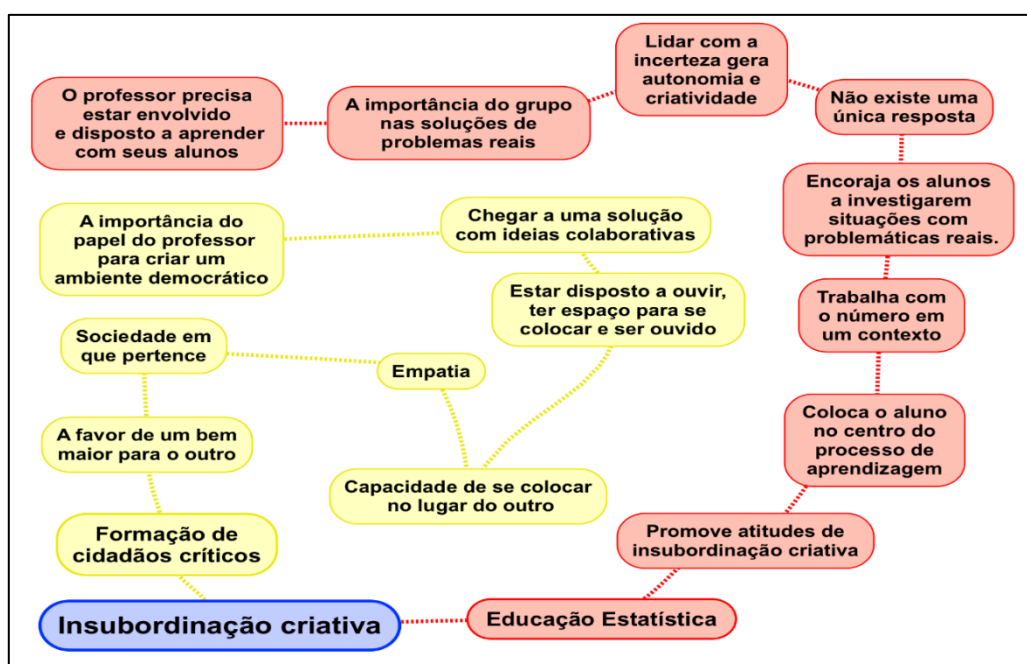
Fica clara a importância da postura do professor de possibilitar estratégias colaborativas, considerando os diferentes pontos de vista e valorizando cada criança, para que ela tenha segurança e seja criativa na busca de novas soluções para as situações problematizadoras. Crianças cujos educadores as ajudam a expressar-se e a ser valorizadas têm maiores chances de relacionar-se baseadas na solidariedade.

A seguir, a segunda narrativa, que originou as intenções pedagógicas para a insubordinação criativa:

Nesse processo a argumentação tem um papel importante porque a partir do momento que a criança vai se expressando, se colocando de maneira diferente, vai experimentando outros caminhos, ela vai ouvindo os caminhos que os colegas percorrem e vai se tornando mais segura. A participação do grupo é muito importante para melhorar a qualidade da argumentação, das justificativas, do porquê de determinadas posições, resoluções, posturas... Quando você começa

ouvir as crianças, o grupo percebe que todos podem participar. Isso faz com que eles se sintam valorizados, respeitados e gera uma segurança ao falar. Por exemplo, numa atividade de correção coletiva na lousa as próprias crianças vão mudando as soluções no momento em que estão mostrando para os colegas. As crianças vão avançando nas diferentes soluções quando o professor vai apontando para o grupo outros raciocínios utilizados pelos colegas. Isso os desafia a colocar outros caminhos, vai instigando as crianças a serem mais curiosas. Seria uma maneira de provocá-las a procurarem outras alternativas. Esse trabalho do professor é fundamental, de dar esse espaço para que eles possam pensar e repensar o que eles fizeram na própria sala de aula junto com os colegas, junto com o outro. Isso pode ser considerado como indícios de insubordinação criativa. (Solidariedade). (SOLANGE, narrativa, 04 abr. 2018)

Figura2: Intenções pedagógicas para a insubordinação criativa.



Fonte: Acervo da pesquisadora

A insubordinação criativa tem seu fundamento na solidariedade. Portanto, se trabalharmos com a empatia desde a mais tenra infância, estaremos caminhando para a formação de um cidadão crítico, disposto a ouvir, ter espaço para se colocar e ser ouvido. Nesse aspecto, a educação estatística oferece grandes possibilidades de trabalhar problemáticas reais, com o número e um contexto encorajando a criança a se posicionar. Outro aspecto a ser considerado é lidar com a incerteza, pois não existe uma única resposta. Dessa forma estaremos gerando autonomia e criatividade e respeito às diferenças. (Figura 2)

Freire (2014, p. 80-81) coloca a solidariedade como uma das qualidades necessárias à educação da pessoa:

A solidariedade caminha de mãos dadas com a consciência crítica. Eu não consigo imaginar o mundo melhorando se nós não adotarmos, realmente, o sentimento da solidariedade não nos tornarmos imediatamente um grande bloco de solidariedade, se nós não lutarmos pela solidariedade... A solidariedade tem que ser construída em nossos corpos, em nossos comportamentos, em nossas convicções.

Gostaríamos de considerar que, ao narrar as histórias da sala de aula, as dúvidas, as angústias, um novo olhar foi lançado sobre as crianças e a prática docente. São novas aprendizagens carregadas de desejos, emoções, e que nos provam que refletir sobre a própria prática não é fácil, mas é possível.

Quando comecei a pesquisa eu era uma pessoa e essa pesquisa me modificou, me fez refletir, me fez uma pessoa mais crítica e feliz, no trabalho e na vida... e quando eu imaginava que estaria no fim da carreira de professora, hoje de me sinto no início de carreira com muito mais vontade de dar aulas e de trabalhar com as crianças. (SOLANGE, narrativa, 07 jan. 2019).

Ainda que com muitas interrogações, agora é seguir em frente e melhorar cada vez mais a educação de nossas crianças. E ter em mente que o importante é garantir uma experiência que nos toque, pois só assim teremos a chance de encontrar o outro, no outro e com o outro.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise das narrativas da própria pesquisadora, pudemos observar indícios de insubordinação criativa pautada no ensino de estatística e resolução de problemas.

A autorreflexão da pesquisadora foi imprescindível para a atuação da professora, no que diz respeito a ouvir e considerar realmente o que as crianças dizem. Colaborou firmemente também para que fossem trabalhados valores éticos para uma melhor convivência em sociedade, com uma postura criativa e crítica. Não podemos deixar de apontar ainda que refletir sobre a prática faz toda a diferença no trabalho do professor. Ter em mente o que deu certo e o que precisa ser mudado é ter uma postura de cidadão crítico, preocupado com o bem-estar das crianças.

E, para que isso aconteça, é essencial que se caminhe para uma educação democrática, como Freire (2014, p.30) destaca:

...o fato de que o professor supostamente sabe e que o estudante supostamente não sabe não impede o professor de aprender durante o processo de ensinar e o estudante de ensinar no processo de aprender. A boniteza do processo é exatamente esta possibilidade de reaprender, de trocar. Esta é a essência da educação democrática.

Dessa forma, a educação democrática gera uma grande responsabilidade: a ética. Esse é o grande desafio que enfrentamos ao lutar constantemente pela coerência entre o que falamos e o que fazemos. Nossa luta é no sentido de nos empenharmos para que, como seres inacabados que somos, estejamos “alertas” ao que o outro sente e ao que sentimos com o outro.

Estar na sala de aula como escolha de vida pressupõe tudo isso e muito mais, pois as adversidades acontecem a cada segundo no dia a dia, e o professor, a pessoa responsável, no caso, por crianças pequenas, demonstra só com seu olhar o seu senso de justiça, de solidariedade, e pode ou não promover a paz.

É com essa convicção que encerramos esse artigo no esforço de manter o diálogo provocado por uma educação problematizadora, na tentativa de insubordinar-se criativamente em favor de suas crianças.

Apesar de ainda termos muitas dúvidas, de nos considerarmos seres inconclusos e inacabados em constante formação, após esta pesquisa, com certeza a sala de aula passou a ter para nós outro significado, com mais respeito e mais prazer. Precisamos exercitar a paciência, a delicadeza e a prontidão – estar alerta para ouvir mais e mais. Ouvir as crianças nos provoca a insubordinação criativa e nos permite ousadia nas aprendizagens.

REFERÊNCIAS

D'AMBROSIO, B. S.; LOPES, C. E. **Trajetórias profissionais de educadoras matemáticas**. Campinas: Mercado de Letras, 2014. (Coleção Insubordinação Criativa).

_____. **Insubordinação criativa: um convite à reinvenção do educador matemático**. Bolema, Rio Claro (SP), v. 29, n. 51, p. 1-17, abr. 2015.

FREIRE, P.; FREIRE, A. M. A.; OLIVEIRA, W. F. *Pedagogia da solidariedade*. 1. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

LOPES. **A estocástica no currículo de matemática e a resolução de problemas**. In: SEMINÁRIO EM RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS, 2., 2011, Rio Claro. Anais [...]. Rio Claro: UNESP, 2011. v. 1. p. 1-10. Sigla: SERP

_____. **A insubordinação criativa e o educador matemático**. In: **DIÁLOGOS DA MATEMÁTICA, 7. e SEMINÁRIO DE PESQUISA, 4.**, nov. 2018, Ceará. Palestra. Ceará: UFC, 2018. Siglas: VII DIMA e IV SEPESQ. Disponível em:<

<https://www.youtube.com/watch?v=WJAGgPfJPr8&feature=youtu.be>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

PASSEGGI. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. Roteiro, Joaçaba, v.41, n.1, p. 67-86, jan./abr. 2016.